

NA REPRESA BILLINGS, VENTOS A FAVOR.



Mutirão de limpeza mobiliza moradores da região. Saracura navega pela Baía de Guanabara, onde se apresentou nos XV Jogos Pan-Americanos.

A vela está abrindo os horizontes dos jovens do bairro paulistano do Jardim das Gaivotas que participam do Saracura, um dos três projetos que compõem o programa de atuação da organização social Vento em Popa.

No projeto, eles aprendem a velejar, construir barcos e, mais importante: a preservar a represa Billings. A comunidade, com cerca de 14 mil habitantes, fica em uma das margens desse manancial importantíssimo para o abastecimento da região metropolitana de São Paulo (SP): fornece água para cerca de 4,5 milhões de pessoas na capital e na região do ABCD.

A idéia de levar a cultura náutica e seus valores para a população do Jardim das Gaivotas partiu

de um grupo de estudantes de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, FGV. Em 2001, eles fundaram a Vento em Popa, tendo chegado à comunidade dois anos depois. O atual diretor-geral da organização, Frederico Rizzo fazia parte da turma. Sua experiência como velejador (participou de campeonatos nacionais e internacionais, na classe *optimist*, uma espécie de *kart* da vela) foi fundamental para a escolha do esporte como instrumento de ensino e consciência ambiental.

“A missão da Vento em Popa é contribuir para o desenvolvimento local, por meio da educação de crianças e adolescentes. Nossa estratégia é baseada em três projetos: o *Saracura*, que torna possível que pessoas de

menor poder aquisitivo pratiquem esportes náuticos; o *Journal Resoluto*, que faz com que a comunidade produza seus próprios conteúdos e tenha acesso à informação; e o *Manancial de Leitores*, cujo objetivo é incentivar o hábito da leitura”, resume Frederico.

Mares nunca navegados

Desde 2003, 180 jovens passaram pelas atividades oferecidas pela Vento em Popa. Alguns se tornaram multiplicadores, como é caso de David Ataíde, 22 anos, instrutor de vela. David diz que tem enorme prazer em compartilhar o que aprendeu sobre o esporte e a conservação das águas do manancial, e que a organização ajudou a modificar suas expectativas de vida. “Sempre quis ser piloto de avião, agora quero

ser velejador. Estudo o tempo todo para isso”, conta.

Além de mudanças no rumo de histórias pessoais, a organização comemora outras conquistas: credibilidade junto aos moradores do Jardim das Gaivotas e construção de dez barcos *Saracura*. Projetadas pelos alunos de Engenharia Naval da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, USP, as embarcações têm custos bastante inferiores aos do mercado, uma vez que são feitas pelos próprios participantes do projeto. No futuro, a intenção da Vento em Popa é ampliar o número de pessoas atendidas e criar um centro náutico sustentável na região da Billings.

FUNDAÇÃO BUNGE

PLANTANDO SONHOS UNE ESCOLA E FAMÍLIAS.

O *Comunidade Educativa*, programa de voluntariado das empresas Bunge no Brasil, e a Escola Municipal João Ramalho, parceira em Cubatão (SP), lançaram, em junho, o projeto *Plantando Sonhos*. A iniciativa visa contribuir para a construção de um ambiente favorável às relações interpessoais de respeito e reciprocidade entre alunos, professores, funcionários e pais. O teatro será a ferramenta de interação entre esses públicos, conforme explica a coordenadora de voluntariado da unidade Cubatão, Renata Carvalho. “As dinâmicas da representação teatral permitem a elaboração de uma noção de trabalho conjunto. A criança aprende que uma



hora ela fala, depois é a vez do colega. Incentivaremos ainda a leitura, a criatividade, além de trazer os pais para participarem das atividades na escola.”

Dentro das ações do *Plantando Sonhos* está prevista a criação de um espaço de estudos – sob a coordenação de professores

e voluntários do *Comunidade Educativa* – voltado para atividades de desenvolvimento moral das crianças. O projeto conta com a participação de 410 alunos, 42 voluntários e 14 professores. Segundo a diretora da escola, Regina Gaia Martins, a expectativa para o projeto é bastante positiva. “Ele representa a possibilidade de partilhar com pessoas da comunidade a responsabilidade pela educação das crianças. Os alunos estão muito entusiasmados, principalmente por conta do teatro”.



Publicação da Fundação Bunge, entidade sem fins lucrativos mantida pelas empresas Bunge.

www.fundacaobunge.org.br

Av. Maria Coelho Aguiar, 215
Bl D 5º andar – São Paulo, SP
05804-900
Tel: (11) 3741 1288
Fax: (11) 3741 1044
E-mail: fundacao@bunge.com

Coordenação
Carlo Lovatelli e
Ruy Altenfelder
Supervisão Anna Barcelos

Projeto e edição
Luc Comunicação Integrada
Tel: (11) 5044 6099
E-mail: luc@lucc.com.br
Edição: Graziela Silva
Reportagens e textos:
Graziela Silva
Edição de arte:
Alexandre Vianna
Pré-impressão e impressão:
Landgraf
Tiragem:
11.500 exemplares



CIDADANIA

CONTAR HISTÓRIAS. OU, A PEDAGOGIA DO AMOR. A ARTE DE PERSEGUIR UM FINAL FELIZ.



DIGNA IMAGEM / CLÓVIS FERREIRA

Roberto: "Difícilmente podemos mudar o começo das nossas histórias, mas, com certeza, temos o dever de fazer de tudo para mudar o final delas".

Roberto Carlos Ramos, na condição de contador de histórias – premiado pela Associação Internacional de Contadores e Valorizadores da Expressão Oral, sediada na França, como um dos dez melhores contadores de história da atualidade –, sabe que o final feliz só acontece depois de muitas reviravoltas no enredo.

Hoje pedagogo e mestre em Educação pela Unicamp, Roberto foi o número 374 dos registros da Febem de Minas Gerais: esteve internado na instituição dos seis aos 13 anos de idade. Fugiu tantas vezes, que, em seu prontuário foi anotado: "caso irrecuperável".

Um dia, ao descer do camburão da polícia para entrar na Febem, após sua 132ª fuga, a vida de Roberto Carlos mudou completamente. Foi quando ele conheceu a pedagoga francesa Marguerit Duvas, que acabou se tornando protagonista de diversas transformações nos rumos da sua história. Adotado

por Marguerit, o garoto irrecuperável aprendeu a ler, escrever, falar francês e, principalmente, a dar e receber afeto. Roberto morou na França até os 19 anos. Na década de 1980, de volta ao Brasil e à Febem, então como estagiário, conheceu Alexandre, menino de nove anos, também considerado um caso perdido. Alexandre foi o primeiro dos 13 ex-internos que o pedagogo adotou como filho.

Roberto Carlos é autor de *A Arte de Construir Cidadãos: As 15 Lições da Pedagogia do Amor*, em que relaciona algumas noções fundamentais no seu processo de formação, como a humildade, a tolerância e a auto-estima. Baseada nas experiências dessa trajetória fantástica – que mais parece um conto de fadas moderno –, a obra ressalta a importância do resgate do humanismo no processo educacional. A pedagogia do amor foi tema da entrevista concedida por Roberto Carlos ao *Cidadania*.

Que princípios norteiam a pedagogia do amor?

Primeiro, o princípio da solidariedade. Todo ser humano deve ser solidário para se conhecer e conhecer o próximo. Todos nós precisamos do outro. O segundo princípio é o afeto.

Em seu livro, você apresenta 15 lições para construir cidadãos. Dessas, seria possível listar as que você considera que estão mais esquecidas atualmente?

Eu colocaria as noções de magnanimidade, que é oferecer o que você tem melhor, e a noção de auto-estima. Mesmo com toda a conjuntura positiva, percebo que o brasileiro continua acreditando que há lugares melhores, está sempre querendo mudar para outro lugar. A mudança, na verdade, tem que ser interna, só assim vamos fazer desse o melhor lugar do mundo.

A técnica da pedagogia do amor é dedicada a pais e professores. Que papel cada um deve exercer na educação?

O primeiro leite intelectual é to-

mado no seio da família. Ela é a grande responsável pelo processo educacional. Mas os professores precisam dar continuidade ao que foi iniciado pelos pais. O fracasso da educação nesse país é que os educadores não se sentem capazes dessa responsabilidade, e muito menos estimulados. Do que vale todo o conhecimento que podemos hoje acessar, se não aprendemos a utilizá-lo com ética, com princípios morais?

Uma pessoa especial mudou os rumos da sua vida. Como podemos ser pessoas especiais em nosso dia-a-dia?

As pessoas precisam incluir três esferas em suas vidas: força, fôlego e flexibilidade. Força é ter fé em seus objetivos, acreditar que vai alcançá-los. Algumas metas exigem mais de nós, e ter fôlego é saber a hora certa de respirar, de parar, para continuar. Ser flexível é entender que nenhum ser humano é igual ao outro, é saber contornar situações. O contrário de tudo isso é a fraqueza, a fadiga e a ferrugem.

O RESGATE DAS RAÍZES

“Ouvia as histórias que meu pai contava para nós do começo, que era muito difícil, atravessou muitas barreiras, dificuldades e nós acompanhamos a evolução da fábrica nesses anos, nesses 28 anos que eu tenho da CBA.” Quem fala é Natalino Barbosa Moura, técnico-assistente da Companhia Brasileira de Alumínio, CBA, pertencente ao Grupo Votorantim.

Alumínio, interior de São Paulo, é a cidade que abriga o complexo industrial da empresa e onde nasceu e cresceu Natalino. Seu pai e seus irmãos trabalharam na companhia, e ele espera que os filhos façam o mesmo no futuro: “(...) Faz, praticamente, que a minha família trabalha no Grupo Votorantim, 49 anos e com muito orgulho”, diz.

O depoimento de Natalino integra o acervo do *Projeto Memória Votorantim* e ilustra como as histórias das empresas confundem-se com as histórias de vida de funcionários, clientes, fornecedores e das comunidades com as quais elas interagem. O projeto foi iniciado em 2003, no ensejo das comemorações dos 85 anos da Votorantim, contando hoje com inúmeros relatos – orais e escritos –, além de arquivo com 45 mil documentos, fotografias, máquinas e outros objetos que ajudam a construir uma reflexão sobre a evolução da companhia e sua importância no desenvolvimento do país.

“A história do Grupo Votorantim é também a história de vida de muita gente. E o registro dessa tradição passa, necessariamente, por essas pessoas. O *Projeto Memória Votorantim* dá voz a quem viu e vê de perto o grupo crescer, desde 1918, em diversos pontos do Brasil”, justifica a coordenadora da iniciativa, Inês Sadalla. Inês complementa: “O projeto inclui a implantação de uma cultura empresarial voltada à preservação do nosso patrimônio material e imaterial, bem como a sistematização e disponibilização do acervo histórico, com vistas

Empresas reconhecem o patrimônio que suas histórias representam para a sociedade brasileira e aderem a uma nova tendência: a responsabilidade histórica.



Maria-fumaça de volta às estradas históricas de Minas Gerais, graças a um projeto da Companhia Vale do Rio Doce.

à fomentação do Centro de Documentação e Exposição Permanente, prevista para 2008”.

Respeito ao passado e à memória de cada um.

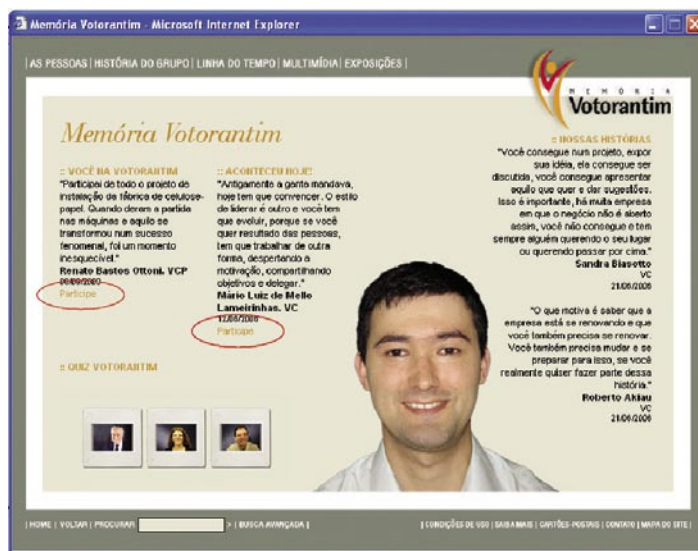
O Grupo Votorantim não é exceção entre as grandes empresas brasileiras. Outras companhias começam a investir na preservação da história institucional, seguindo uma nova tendência denominada responsabilidade histórica. O conceito é amplo e abrange ações como a composição de centros de memória, recuperação de prédios com valor arquitetônico, coleta de depoimentos, edição de livros, vídeos, organização de exposições, entre outras. Sempre sob a perspectiva da valorização não apenas da trajetória da própria organização, mas também das comunidades e regiões em que está presente.

“Responsabilidade histórica é o conjunto das responsabilidades corporativas (social, ambiental, comercial e cultural) e revela como essas responsabilidades foram assumidas ao longo do tempo pelas organizações. É uma espécie de portfólio de ações sustentáveis”, conceitua o professor da Universidade de São Paulo, Paulo Nassar, também presidente-executivo da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, Aberje. Segundo Nassar, é um erro acreditar que essa nova atitude seja modismo. “É uma tendência, que se consolida, porque está ligada ao processo de legitimação das ações organizacionais. Quando se tem história, tradição, há condições de ser melhor percebido pela sociedade.”

Além de melhorar a confiança nas empresas, assumir a responsabilidade histórica é uma forma de fortalecer as relações destas com públicos importantes. “Os trabalhos com memória empresarial, principalmente por meio da coleta de depoimentos de vida, desenvolvem o sentimento de pertença de funcionários, comunidade, fornecedores, pesquisadores, entre outros”, observa Nassar. As marcas também saem ganhando, diz o professor. “A história é um diferencial competitivo. Afinal, ninguém consegue acelerar o tempo.”

Além de melhorar a confiança nas empresas, assumir a respon-

sabilidade histórica é uma forma de fortalecer as relações destas com públicos importantes. “Os trabalhos com memória empresarial, principalmente por meio da coleta de depoimentos de vida, desenvolvem o sentimento de pertença de funcionários, comunidade, fornecedores, pesquisadores, entre outros”, observa Nassar. As marcas também saem ganhando, diz o professor. “A história é um diferencial competitivo. Afinal, ninguém consegue acelerar o tempo.”



Portal Memória Votorantim: espaço interativo de aprendizagem e disseminação dos valores da empresa.

DIVULGAÇÃO CVRD

DIVULGAÇÃO MEMÓRIA VOTORANTIM

S CORPORATIVAS.



Exposições temáticas realizadas pelo Centro de Memória Bunge já atraíram 150 mil pessoas, em 13 anos.

História nos trilhos.

O investimento em memória empresarial é feito por grandes corporações, a maioria de origem nacional. Essa é uma das conclusões da tese de doutorado de Paulo Nassar, defendida no ano passado. O pesquisador analisou um universo de 119 empresas, dos setores industrial, serviços e agronegócio, sendo 89 delas pertencentes ao grupo das 100 maiores do país. Entre essas gigantes, metade apresentou algum projeto de responsabilidade histórica estruturado. Das que realizavam alguma ação, 60% eram brasileiras.

Uma das maiores do mundo no setor da mineração, a Companhia Vale do Rio Doce tem se voltado à preservação da história que passa por suas ferrovias. Por meio do projeto *Trem da Vale*, recuperou um trecho ferroviário de 18 quilômetros, entre as cidades de Ouro Preto e Mariana, em Minas Gerais, restaurou as estações do percurso e colocou a tradicional maria-fumaça de volta aos trilhos. A iniciativa é complementada pelo *Programa de Educação Patrimonial do Trem da Vale*, que oferece atividades culturais para as comunidades dos dois municípios históricos.

Em Vila Velha (ES), a empresa mantém o Museu Vale do Rio Doce, que funciona em uma antiga estação ferroviária. No espaço, há fotografias dos primórdios da *Estrada de Ferro Vitória a Minas*, ferramentas de trabalho, moldes utilizados na fundição de peças e até mesmo uma locomotiva a vapor. O futuro também é valorizado, com a realização de exposições de arte contemporânea e oficinas de arte para crianças e adolescentes da região.

Registrar e disseminar.

“Preservar, muitas vezes, significa colocar em uma estante”, observa a coordenadora de projetos de memória institucional do Museu da Pessoa, Claudia Fonseca, para quem a responsabilidade histórica está ancorada no tripé: registrar, preservar, disseminar. Se a história de uma empresa ultrapassa os limites de suas fábricas e escritórios, nada mais justo do que devolver à sociedade um patrimônio que também é dela. “Só assim é possível fazer reflexões, leituras e novos usos da história e da memória da organização.”

O Centro de Memória Bunge, CMB, constituído em 1994, trabalha em sintonia com essa premissa. Anualmente, recebe a vi-

sita de cerca de quatro mil pesquisadores, interessados em consultar um acervo com 700 mil documentos, que registram aspectos importantes da evolução da indústria e do agronegócio. Também estão guardadas ali preciosidades da arte e da literatura brasileiras: esculturas de Victor Brecheret, fotos comemorativas dos 80 anos de Mário Quintana, imagens de Érico Veríssimo e uma edição em litografia de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Nos últimos anos, o Centro de Memória Bunge vem ampliando a proposta de difusão do conhecimento, com a realização de exposições temáticas que percorrem diversas cidades do país, e das *Jornadas Culturais*, série de palestras gratuitas, voltadas à conscientização sobre a preservação do patrimônio. Além disso, colabora com companhias que queiram desenvolver um trabalho de resgate de sua memória, por meio de visitas técnicas, nas quais é apresentado todo o processo de implantação do CMB.

O Centro firmou, recentemente, uma parceria com a Associação dos Veteranos de 32, para a preservação do acervo do Museu

MMDC. “Estamos treinando estagiários, repassando nosso *know-how* em processamento técnico, para que as fotos e documentos doados por ex-combates e familiares sejam devidamente tratados”, explica a coordenadora do CMB, Daniele Juaçaba. O museu lembra os veteranos da Revolução Constitucionalista de 32, e fica no bairro da Lapa, em São Paulo (SP).

Para quem acredita que investir em responsabilidade histórica é investir no passado, Claudia, do Museu da Pessoa, deixa seu recado. “Quando você encara a memória como conhecimento acumulado, ou seja, saberes e fazeres de cada um, tem possibilidades de construir um trabalho com perspectivas. A história é um marco referencial, em que se pode resgatar valores, experiências e projetar o futuro”.